



Arte da resistên

Minas de Marmato, cidade natal de Iván Cocherín e Luísa Fernanda Gómez Duque

Trechos do livro de Iván

“Este cuaderno no lo escribí yo, lo escribió el desespero de los desocupados que llenan el pavimento de las ciudades del mundo. Lo escribió el grito hambriento de las madres proletarias. La muerte oscura de los mineros anónimos. El llanto enclenque de los niños del suburbio. El jornal escaso de las escogedoras de café. La anemia de los campesinos explotados y la tragedia de las mujeres caídas, víctimas del sistema capitalista”



“Aquí, a miles de Kilómetros de mi patria, - mi patria está donde tú estás y donde hay otros explotados como yo -, viven unos campesinos en infectos bohíos que trabajan la tierra desde hace diez y veinte años. Pero ahora la ley quería arrojarlos de sus chagras con códigos telerañados y la fusilaría oficial; resistieron. Yo dejé caer mi palabra sencilla pero reivindicativa sobre los absortos campesinos... hablé Natacha, para aquella tumultaria de labriegos. Les decía Natacha, que la tierra es de los que se curvan sobre ella para arrancar a sus entrañas el fruto generoso. La tierra escuchaba. La tierra acechaba”



Iván Cocherín, autor da obra que a advogada Luísa Fernanda Gómez apresentou na mesa *América Latina Resiste: O Mundo do Trabalho na Crise do Capital* como uma forma de resistência, é um célebre escritor colombiano, nascido em Marmato, cidade natal de Luísa, em 1909 e muito ativo no cenário literário da região de Caldas, onde fica a cidade, nos férteis anos de 1960 e 1970. Neste período a literatura latino americana viveu um boom, protagonizado por autores como o também colombiano Gabriel García Márquez, Julio Cortazar, da Argentina e Mario Vargas Llosa, no Peru, entre outros.

Caldas, onde está Marmato, é uma região histórica de mineração, e portanto, de superexploração do trabalho. Marmato é o quarto município mais antigo da Colômbia. Localizada no alto da encosta especialmente acidentada da colina chamada El Guamo, a cidade foi propriedade de uma única família. Sua população foi formada por escravos negros, que trabalhavam nas minas, intensamente explorados pela família espanhola que a colonizou. As novelas de Iván Cocherín, pseudônimo de Jesús González Barahona, retratam a pobreza e o desalento que marca a vida dos seus conterrâneos. “É um autor que levou para sua obra, personagens que são a expressão do desenraizamento, da solidão, da desesperança”, definiu o também escritor, Otto Morales Benítez, em uma palestra sobre Iván.

Nadie, o primeiro romance de Ivan, escolhido por Luísa para a sua palestra, foi publicado em 1939 e “conta a história de um homem anônimo que recolhe os escritos que Sérgio Nadie (Sérgio Ninguém), proletário morto por tuberculose, deixou em pobre morada. Todos dirigidos a Natacha, um amor distante e intenso”, explica ela, que relaciona as precárias condições de vida descrita nesta novela, às condições atuais dos trabalhadores colombianos. “Estas vozes, nestas vozes, graças a elas se desenha o retrato, o auto retrato do trabalhador que encarna o teatro trágico do presente. No túnel (das minas), na planta industrial, a fábrica, o escritório, o cubículo, a rua, em todas as partes aparecem os protagonistas desta realidade literária que me ocupa na busca da sub-

cia para resistir

jetividade obreira, que se recria e se constitui desde as narrativas comprometidas com um projeto político libertário”, explica.

Na região de Caldas, Cocherín é uma celebridade. A biblioteca municipal e a casa de Cultura de Marmato foram batizadas com o seu nome. Ou melhor, seu pseudônimo, inspirado em um apelido que ganhou na infância, em virtude de seu fascínio por um toureiro que passou por Marmato, segundo conta Carlos Enrique Ruiz em entrevista publicada pela Revista Aleph. O toureiro se chamava Cocherito e tornou-se o personagem da moda na pequena aldeia do escritor. “Não faltou quem deu de chamar, ao futuro escritor, Cocherito, toureiro sem capa nem muleta (lã vermelha que esconde um estaqueador), mas toureiro da vida”, escreve o jornalista. Além de *Nadie*, Cocherín é autor de outros seis romances, todos eles com temas populares, sobre pescadores, camponeses, mineiros, “homens de mãos duras, rostos tristes e corações palpitantes”, segundo Carlos: *Esclavos de La tierra* (1945), *Carapintada* (1960), *Túnel* (1963), *Barba-coa* (1965), *El sol suda negro* (s.f.) e *Al chinchorro le han caído estrellas* (1975).

E também editor de dezenas de periódicos, onde fazia quase tudo e que garantia, de forma precária, a sua sobrevivência. Andou por todo o país, parando por vezes durante algumas semanas para fazer um jornal em alguma cidade. “Com toda a agitação envolvida em conseguir publicidade. Escreve versos aos proletários, às rainhas, aos mendigos, aos camponeses, aos vendedores de quinquilharias. Faz páginas com notícias à sua maneira, provoca, bate com verdades em funcionários e burocratas, ou o que é mais importante, vive e se diverte”, nos conta o jornalista da Aleph. Faleceu em 1982, em Manizales, a pouco mais de 80 quilômetros de Marmato.

Jairo Hernán Uribe Márquez, professor na Universidade de Manizales, disse em uma conferência sobre literatura e violência na Colômbia durante o 20º Festival de Literatura de Córdoba, em 2012, que Ivan faz parte de uma geração particular de escritores caldenses, “conhecida pejorativamente como os ‘grecolatinos’, ou ‘gre-



colombioplural

“Estoy en la cama de un hospital marcada con el número 176. Estoy mal. O estoy vigilado. Los gritos de un vecino, un camarada de hospital de un sin patria, de un sin amigos, de un maldito como yo, me perforan el corazón mientras el ancha sala se preña de sombras pavorosas.”



WordPress

“A miles de kilómetros de mi patria te escribo esta, pero que digo! Mi patria. Acaso nosotros, los proletarios, tenemos patria? Las fronteras significan algo para los que sentimos por las venas, correr el fuego de la fraternidad. Sí, lejos de mi patria, porque mi patria está donde tú estás. Dónde están tus manos acariciantes que peinaban mis cabellos desmelenados. Y dónde está tu boca, que me enseñó la absurda teoría de los besos.”

“Estoy preso Natacha. Pero qué delito he cometido? Ninguno, te lo juro.... El odio de una clase me condena por el “horrendo” delito de haber nacido proletario. Yo odio esa clase. Yo combato esa clase y esa clase nos persigue, nos encarcela, nos explota, nos mata”



colombiaplural

co quimbayas’, formada por intelectuais que fizeram da literatura, um meio para alcançar e assegurar suas ambições políticas”, disse.

Fazem parte desta geração, segundo Jairo, escritores como Bernardo Arias Trujillo, autor de *Risaralda* (1935), novela que expõe a violência colonizadora dos brancos de Manizales sobre as populações negras dos vales do Sul. Arias, homossexual nascido em uma família patriarcal, iria se suicidar aos 34 anos, depois de uma vida tormentosa, rebelde e criadora. E Adel López Gómez, escritor nascido em Armênia, mas que viveu, escreveu e morreu em Manizales. Os três, segundo Jairo, são resultado de “um certo modernismo tardio” que ocupou a cena literária na região no início do século passado e que, apesar da qualidade dos textos e de terem sido pioneiros de uma literatura regional que iria se difundir pelo mundo, permaneceram no anonimato.

Luisa contribui para tirá-los dessa condição ao apresentar a obra de Iván no Congresso, e espera que o aprendizado do passado que essa literatura engajada, “uma narrativa da violência”, conforme Jairo, permite, possa iluminar o futuro: “queira destacar esta forma de expressão, que tem uma condição libertadora, tanto que é a atividade criadora do homem e da mulher. Penso que isso permite recuperar o conceito de trabalho desligado do trabalho do capitalismo; permite reconhecer o trabalho como atividade criadora”, explicou.

Luisa ressalta que, para isso, é necessário nos voltarmos para o passado, para compreendê-lo. “Isso não é nada novo. Isso é uma compreensão dialética da história da sociedade”, concluiu.

Habla la escogedora del grano: “Hoy despacharon diez mil sacos de café para el exterior... y dizque tuvieron que arrojar al agua dos mil, p’a que el café se ponga más caro y poder pagarnos mejor”, y Sergio que escuchaba con sus oídos de niño la conversación adulta, ahonda en las palabras de su vientre: “Arrojar al agua dos mil bultos de café mientras mi pobre madre que trabajaba con esos “buenos señores” no podía tomarse una taza, ni ella, ni yo, ni mi gatoj No sería eso injusto?”



colombiaplural

Leia Mais

A bibliografia indicada no Congresso mistura obras de referência e o lançamento do livro *A Previdência Social dos Servidores Públicos: Direito, política e orçamento*. Organizado por Flávio Roberto Batista e Júlia Lenzi Silva e com prefácio da auditora fiscal Maria Lúcia Fattorelli.

Entre as indicações, o destaque foi o site do economista Ladislau Dowbor (<https://dowbor.org>), com versões em PDF com acesso livre de obras que tratam dos impactos da tecnologia. Inclui as obras dele próprio – como *A era do capital improdutivo* e *O pão nosso cada dia*.

Bibliografia

A falácia do Empreendedorismo – Adriano Campos e José Soeiro.

Bertran Editora, 2016.

Cyberpunks – Liberdade e o Futuro da Internet – Julian Assange.

Editora Saraiva, 2012.

A Mulher Eunuco – Germaine Greer.

Editora Artenova, 1971.

O adeus ao trabalho – Ricardo Antunes.

Cortez Editora, 1995.

O Privilégio da servidão – Ricardo Antunes. Editora Boitempo, 2018.

Banalização da Injustiça social – Christophe Dejours (1998). 7ª edição. FVG Editora, 2011.

A falácia do empreendedorismo – Adriano Campos José Soeiro.

Bertrand Editora, 2016.

A Coragem da Verdade – Michel Foucault.

WMF Martins Fontes, 2004.

A Proteção de Dados Pessoais do Empregado no Direito Brasileiro – Ana Francisca Moreira de Souza Sanden. Editora LTR, 2014.

The Public Bank Solution: from Austerity to Prosperity – Ellen Brown, 2013.

O globalitarismo, por Silvio Tendler

CRISTIANE REIMBERG

Qual o impacto do sistema financeiro em nossas vidas? O cineasta Silvio Tendler vai ao cerne desta questão com o filme *Dedo na Ferida*, exibido durante o 5º Congresso Internacional de Ciências do Trabalho, Meio Ambiente, Direito e Saúde. A exibição do filme, na noite do dia 29, fechou um dia de fortes debates sobre a questão do trabalho e do cotidiano no mundo neoliberal, barbaramente precarizados no mundo inteiro. Depois da exibição do filme, o cineasta Silvio abriu um debate com a participação da platéia e seus convidados Clóvis Nascimento Filho, presidente da Federação Interestadual de Sindicatos de Engenheiros (Fisenge), o economista Paulo Nogueira Batista, ex-vice-presidente do Banco de Desenvolvimento do BRICS e ex-diretor executivo do Fundo Monetário Internacional (FMI) pelo Brasil e mais 10 países, Olímpio Alves dos Santos, presidente do Sindicato dos Engenheiros do Rio de Janeiro e Maximiliano Garcez, que coordenou a mesa.

“*Dedo na Ferida* conta a história de como os governos nacionais são aprisionados pelo capital financeiro internacional”, resumiu o presidente da Federação Interestadual de Sindicatos de Engenheiros – Fisenge, Clovis Nascimento Filho. O Sindicato participou da produção do filme como financiador. “(O geógrafo) Milton Santos dizia muito bem que essa globalização era para aprisionar o povo do mundo todo”, completa. O geógrafo brasileiro foi citado em outros momentos do debate. Não por menos, já foi tema de outro documentário de Silvio – *Encontro com Milton Santos: O mundo global visto do lado de cá*. “Milton Santos falava em globalitarismo, uma globalização que não beneficia os cidadãos, mas a circulação de mercadorias”, explica Silvio.

O cineasta junta, neste filme, o que pensam as mais diversas personalidades sobre o “globalitarismo” de Milton Santos. Há a participação de intelectuais influentes como o antropólogo David Harvey, professor da Universidade de Nova Iorque, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, professor da Universidade de Coimbra, ou a urbanista Raquel Rolnik, da USP; que interagem pelas mãos do diretor com o podólogo Anderson Marinho Ribeiro, morador de Japeri, cidade do Grande Rio que tem o pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Estado, com o diretor de teatro Bruno W. Medsta e com o economista e empresário Keith Cattley.

Silvio dá sentido aos impactos nefastos do neoliberalismo sobre a vida que é descrita por Anderson com a fala dos economistas brasileiros Ladislau Dawbor, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Puc-SP); Laura Cardoso, da USP, Guilherme Mello, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); mostra que é uma questão mundial ao abrir espaço para a participação de líderes como o economista Yanis Varoufakis, político grego, membro do partido Syriza e ex-ministro das finanças do governo Tsipras em 2015, do sanitário italiano Gianni Tognoni, secretário geral do Tribunal Permanente dos Povos, do cineasta grego naturalizado francês Costa Gravas, autor de *Z*, *Clair de femme* e *Missing*, entre outros, além de militante histórico pelos direitos humanos; e do sindicalista boliviano Oscar Oliveira, líder do movimento contra a privatização da água.



Gabriela Nehring/Caliban



Silvio Tendler, Clóvis Nascimento Filho, Maximiliano Garcez, Olímpio Alves dos Santos e Paulo Nogueira Batista.

“Você tem uma erosão enorme da base social do capitalismo, não só no Brasil, mas também na Europa e nos Estados Unidos, que se traduz na crise da democracia”

Do Brasil, participam ainda, João Pedro Stédile, líder e fundador do Movimento Sem Terra e Guilherme Boulos, do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Além do diplomata Celso Amorim, por duas vezes ministro das Relações Exteriores e ex-ministro da Defesa; e de Paulo Nogueira Batista, economista que foi vice-presidente do novo Banco de Desenvolvimento estabelecido pelos BRICS e depois, diretor executivo do Fundo Monetário Internacional (FMI) pelo Brasil e mais 10 países. Ele havia participado, no dia anterior, da mesa sobre a resistência dos países da América Latina e ficou também neste dia, para as discussões com Silvio depois do filme.

“Eu queria confessar uma coisa, fui o pior aluno de matemática e tomei pau em economia duas vezes. Conseguimos esse elenco maravilhoso. São todos muito claros na forma de colocar o problema. Agregar informações para completar este pensamento. Achei que faltava um personagem que perpassasse com sua história de vida. O filme ganhou cor e humanidade. Cada pessoa que você entrevista fala o que ela quer, um filme como este não tem roteiro previamente estabelecido, tem teses e ideias, mas se faz na edição”, definiu o diretor Silvio Tendler.

Em busca do público

Silvio diz que o globalitarismo limita a circulação do seu filme nas salas de cinema do país. Para furar o bloqueio, o documentário está disponível gratuitamente e na íntegra na rede mundial de computadores, via *Youtube* (<https://www.youtube.com/watch?v=IhErYR90dCI>). “O filme circulou pelo Brasil sem o apoio da grande mídia, mas conseguimos chamar bastante atenção”, conta o cineasta. *Dedo na Ferida* foi um dos escolhidos para participar da seleção para o Oscar. “A nossa intenção é viralizar este filme, que passe em todos os lugares”, sentencia Silvio Tendler.

E assim o cineasta tem feito. Seus cabelos brancos e a dificuldade de locomoção, que exige o uso de cadeiras de rodas, não impedem que viaje pelo Brasil, promovendo e discutindo o filme. Mais uma vez, o global olhado de cá, mas também de lá, com especialistas de diferentes partes do mundo, fazendo uma crítica reflexiva e contundente, entrelaçada por uma narrativa que une a vida cotidiana de cada um de nós, ao se utilizar de personagens comuns, aos olhares especializados de pensadores respeitados e exemplos didáticos.

“Sergio Almeida fez o roteiro do filme e já faleceu. Nós fizemos este filme para trazer à tona os mecanismos que produzem a desigualdade e estão aprisionando Estados e democracia”, avaliou Olímpio Alves dos Santos, presidente do Sindicato dos Engenheiros do Rio de Janeiro – Senge/RJ, que financiou a obra juntamente com a Fisenge. “Este trabalho que vocês apoiaram e o Silvio realizou é uma peça de resistência. Essa resistência hoje é mais importante do que nunca. Este poder financeiro está se mostrando disfuncional”, completa o economista Paulo Nogueira. “Você tem uma erosão enorme da base social do capitalismo, não só no Brasil, mas também na Europa e nos Estados Unidos, que se traduz na crise da democracia, que se tornou uma plutocracia dominada pelos mercados financeiros”, conclui Paulo.



Caliban

Cena do filme *Dedo na Ferida*

Chacina de Unaí Julgamento ainda não acabou

“Sobre a insegurança dos auditores fiscais do trabalho, temos uma memória muito triste que é a chacina de Unaí. Temos 14 anos completos no último janeiro, da ocorrência desse triste episódio na nossa história. Três auditores fiscais do trabalho e um motorista foram assassinados. Os mandantes já foram condenados, cada um a 100 anos de prisão e continuam livres. Para além desse fato, que já deveria ter sido suficiente para transformar de uma vez por todas essa realidade, temos outros tantos que ocorrem no dia a dia dos auditores fiscais do trabalho. Infelizmente, não temos muito a dizer sobre o cenário que levou à chacina de Unaí, hoje. Os problemas continuam na mesma magnitude. Talvez agora, pelo ambiente trazido pela reforma trabalhista, que gera um espaço para um oportunismo, para que tudo o que é ruim, ressurgir, re-apareça, vejo até numa situação pior essa realidade.”

Carlos Silva
Auditor fiscal do trabalho
presidente do Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais do Trabalho (Sinait)

Em 28 de janeiro de 2004, os auditores fiscais do trabalho Nelson José da Silva, João Batista Lage e Eratóstenes de Almeida Gonçalves, levados pelo motorista do Ministério do Trabalho, Ailton Pereira de Oliveira, faziam uma operação de fiscalização de trabalho escravo na fazenda de dois irmãos, Norberto e Antério Mânica, em Unaí, no Noroeste de Minas Gerais, a 166 quilômetros de Brasília, quando foram assassinados por três pistoleiros - Rogério Alan, Erivaldo Silva e William Gomes -, em uma emboscada. Os pistoleiros foram condenados, em 2013, por um júri popular em Belo Horizonte a 94 anos, 76 anos e 56 anos respectivamente. Em 2015, os irmãos Mânica foram condenados em primeira instância a 100 anos de prisão, apontados como mandantes do crime pela 9a. Vara de Justiça de Belo Horizonte.

Em novembro de 2018, durante o julgamento de recursos pelo Tribunal Regional Federal da 1a. Região, a pena de Antério foi anulada e a de Norberto, reduzida para 65 anos, 7 meses e 15 dias. Antério concorreu e venceu uma candidatura a prefeito de Unaí pelo PSDB quando esteve preso provisoriamente, ainda em 2004, logo depois do crime, e se reelegeu em 2008. Antério terá novo julgamento. Além dos pistoleiros, foram condenados e estão presos pelo crime Hugo Alves Pimenta e José Alberto de Castro. Os irmãos Mânica continuam respondendo ao processo em liberdade. O dia 28 de janeiro foi transformado em Dia do Auditor Fiscal do Trabalho, em homenagem aos colegas assassinados e para firmar a luta da categoria.



Nelson José da Silva



João Batista Lage



Eratóstenes de Almeida



Ailton Pereira de Oliveira

Homologações sem supervisão têm valores 30% menores

Quase todas as homologações de marceneiros em São Paulo (90%) feitas depois da entrada em vigor da Lei 13.467, de reforma da lei trabalhista, estão com valores 30% menores do que deveriam.

Esta informação foi trazida pelo sindicalista Renê Vicente, presidente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras Brasileiros (CTB), que participou da mesa de abertura, na manhã do dia 27. Ele conta que descobriu essa diferença porque os marceneiros que estão sendo demitidos levam o cálculo feito pela empresa para o sindicato conferir. A Lei 13.467 desobriga as empresas a fazerem as homologações sob supervisão dos sindicatos.

Renê usou esta ocorrência, que ele diz ter observado nos últimos meses em sua atividade diária, como uma prova de que o ataque que ocorre no Brasil – a partir do impeachment de Dilma Rousseff – é do capital contra o trabalhador.

“O discurso dominante de que bastava fazer uma reforma, que o emprego ia voltar, cai por água abaixo”, continua. Com 27 milhões de trabalhadores entre o desemprego e o subemprego, Renê prevê tempos ainda mais difíceis à frente. “(Para) nós que estamos na base, conversando com os trabalhadores

nas negociações coletivas, o ataque do patronato já se faz presente, já se vê pressionando os trabalhadores a perder direitos”, disse.

Renê aponta ainda as dificuldades criadas para a sobrevivência financeira das entidades sindicais, que estão asfixiadas com o fim da contribuição obrigatória determinada pela reforma.

“Temos que debater isso com a classe trabalhadora, a importância do Ministério do Trabalho e da Justiça do Trabalho, que estão sendo atacados frontalmente. A importância de termos órgãos que defendam a classe trabalhadora”, continua.

A insustentável loucura da web

A possibilidade de que o uso excessivo das redes sociais provoque uma dependência semelhante à que ocorre com substâncias químicas passou a ser uma pauta constante nas discussões e estudos a respeito da saúde do trabalhador e foi tocada em momentos diferentes do Congresso. Bruno Torturra, jornalista com uma experiência intensa e pioneira no uso da rede como plataforma de trabalho, alerta para a importância de acompanhar os estudos a respeito do tema. “Tem a ver com saúde psíquica, hoje em dia diretamente conectado com a depressão. O fluxo de dopamina no seu cérebro é completamente afetado pelo excesso de consumo de informação, de anúncio, de foto, de likes de reforço, de compartilhamentos. Esse é o mesmo mecanismo que rege o vício e dependência química em substâncias”, explica. Bruno diz que a rede social faz parte do projeto comercial onde o grande business é o tempo que as pessoas acabam sendo obrigadas a passar olhando para o celular, dentro de uma rede.

A médica psiquiatra Edith Seligmann-Silva aborda outro aspecto, não menos preocupante e mais complexo, que envolve a imagem e o comportamento social do indivíduo e a relação homem-máquina. Administrado e executados por robôs, os mecanismos de controle e vigilância criam conflitos e cometem equívocos que terminam em injustiças difíceis de serem reparadas, como é o caso que Edith experimentou. Ela foi suspensa pelo *You Tube* depois de fazer um comentário a respeito de uma foto das suas sobrinhas, uma adolescente e a outra criança, que foi mal interpretado pelo algoritmo. “A mocinha estava fazendo uma trança no cabelo da criança. Eu achei muito bonitinho e mandei para outra pessoa dizendo assim: Elisa trança Paula. E mandei, com cê cedilha, claro. Gente! O que aconteceu?! Recebi uma comunicação do *YouTube*, de que eu tinha feito uma imoralidade”, contou durante debate sobre comunicação. Edith ficou proibida de acessar o *YouTube* e deveria escrever uma carta para ser readmitida na rede. “Fiquei com muita raiva e decidi não fazer. Depois comecei a ver que era difícil acessar algumas coisas e tentei fazer a tal da carta, mas era tão complicado, tinha tanta burocracia, que desisti”, conta.

Equívocos do algoritmo nessa linha, ou do corretor ortográfico; publicações maldosas que geram humilhações e exposição vexatória, intencionais ou não, são situações que aparecem com frequência em casos de suicídio, que crescem de forma assustadora nas sociedades digitais. As CID 11, uma espécie de dicionário para doenças mentais, utilizado como referência para diagnóstico, inclui distúrbios relacionados a prática excessiva de jogos digitais.

Para saber mais

Reportagens: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41922087>; <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2017/11/vicio-em-internet-e-smartphones-provoca-alteracoes-quimicas-no-cerebro.html>

Artigo científico: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3480687/>; CID 11: <https://www.who.int/features/qa/gaming-disorder/en/>

Sites de referência: Safernet (<https://new.safernet.org.br/>) ISSBD, sociedade para a pesquisa de desenvolvimento humano. Publica compilações e resultados de estudos sobre comportamento nas redes sociais. (<https://issbd.org/>); NSPCC- Sociedade estadunidense de prevenção da crueldade contra crianças (<https://www.nspcc.org.uk/>), publica estudos sobre bullying virtual.

Curtas

Reitoria da USP mantém creche fechada - A tentativa da reitoria da USP, de fechar a creche Oeste, citada por Rachel Moreno no primeiro dia de trabalho deste Congresso, aconteceu em janeiro de 2017. Os pais, com apoio da comunidade local, ocuparam o prédio e frustraram a tentativa do reitor da época, Marco Antônio Zago, de unificar a Creche Oeste com aquela primeira, que Rachel ajudou a fundar. Neste ano e meio, organizaram a “Ocupação Creche Aberta”, promovendo almoços e eventos culturais para protestar e chamar a atenção para a atitude de Zago, que persiste durante a gestão do atual reitor Vahan Agopyan. A Associação de Pais e Funcionários da Creche Oeste conseguiu, em março de 2018, um mandado de segurança que obriga a reitoria a reabrir a creche, mas até setembro deste mesmo ano nada tinha acontecido. Os pais mantinham a ocupação.

Manicômio não - A médica psiquiatra Silvia Jardim aproveitou o microfone aberto no debate da mesa sobre Comunicação, para protestar contra o que considerou incentivos do governo Temer à internação psiquiátrica, lembrar o caso do reitor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Luiz Carlos Cancellier Olivo, que se matou em meio a um processo de perseguição política e judicial e chamar o público para aderir à campanha de prevenção ao suicídio. “Estamos entrando no Setembro Amarelo e estou aproveitando para falar disso também, do retrocesso que é a reforma psiquiátrica”, disse.

Não puderam vir - Maria Maeno lamentou a ausência, por problemas de saúde, dos jornalistas Lúcio Flávio Pinto, militante pelo meio ambiente na Amazônia e Leonardo Sakamoto, conselheiro do Fundo das Nações Unidas para Formas Contemporâneas de Escravidão. Também tiveram problemas de última hora os convidados Chico Guariba, cineasta ambientalista, os juizes José Antônio Ribeiro de Oliveira e Hugo Cavalcanti Melo Filho e a advogada mexicana Nahir Velasco, voltada para os sindicatos e movimentos sociais. Adriana Marcolino, socióloga do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos e o sociólogo Sergio Amadeu também tiveram imprevistos de última hora.